



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Análise de biosseguridade de granjas suínas: Criação de um modelo de avaliação para aplicação em sistemas de produção industrial de suínos
Autor	VICTÓRIA CATHARINA DEDAVID FERREIRA
Orientador	LUIS GUSTAVO CORBELLINI

Análise de biosseguridade de granjas suínas: Criação de um modelo de avaliação para aplicação em sistemas de produção industrial de suínos.

Autora: Victória Catharina Dedavid Ferreira

Orientador: Luis Gustavo Corbellini

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

É imprescindível nos sistemas de produção animal a necessidade da adoção de programas de biosseguridade eficientes que promovam a saúde animal e produtos seguros no ponto de vista alimentar. Atualmente esses programas são construídos de forma genérica, ou seja, sem determinar um perigo específico, podendo, assim, ter uma eficiência variável considerando o agente infeccioso em questão. Neste trabalho foi realizada a análise descritiva e caracterização dos principais perigos biológicos da suinocultura brasileira, levando em consideração consultas, por meio de entrevistas, com especialistas em sanidade suína. Estes dados servirão posteriormente para a realização de uma análise exploratória das práticas de biosseguridade adotadas nas granjas de suínos comerciais no Rio Grande do Sul, com o objetivo de determinar possíveis vulnerabilidades do sistema atual e direcionar prováveis estratégias para contorná-las, levando em consideração os perigos específicos identificados. Para a classificação de cada agente por parte dos entrevistados, foi especificada uma escala que variava de 1 até 5, sendo (1) importância muito baixa, (2) importância baixa, (3) importância moderada, (4) importância alta e (5) importância muito alta e “desconheço” para quando o entrevistado não conhecesse o patógeno ou sua importância. Os critérios a serem considerados para a aplicação da escala em cada agente foram apresentados como: nível de ocorrência do agente no Brasil; taxas de mortalidade e morbidade dos animais; impacto econômico e produtivo; impacto zoonótico e, em caso de agentes exóticos/erradicados no Brasil, os riscos associados a uma possível introdução no país. Durante as entrevistas, os nomes dos perigos presentes na lista primária eram mencionados e, para cada um, pedia-se para os especialistas classificarem de 1 a 5 de acordo com os critérios definidos acima. Foram listados ao todo 253 agentes causadores de 160 doenças em uma lista inicial, que fora resumida para melhor funcionalidade em 153 perigos, distribuídos em bactérias (32,7%), vírus (32,7%), endoparasitas (18,3%), ectoparasitas (11,1%), fungos (4,6%) e príon (0,65%). Foram realizadas entrevistas com três especialistas e a média geral do escore de importância dos agentes foi 1,96 e a maioria das classificações se acumulava nos valores mais baixos, em que 39,2% dos perigos tiveram média (1) e mais da metade dos perigos (53,6%) obteve média até (1,5). Por outro lado, apenas 8,5% dos agentes obtiveram classificação média entre (4) e (5), nenhum obteve média 5 e apenas três agentes obtiveram média 4,7 (maior valor entre as médias das classificações), sendo eles a bactéria *Lawsonia intracellularis*, agente da enteropatia proliferativa suína; o vírus PEDV, do gênero *Coronaviridae*, agente da diarreia epidêmica e os vírus do gênero *Orthomyxoviridae* (H1N1, H3N2, VIA) causadores da influenza suína. Os três entrevistados classificaram com o mesmo valor apenas 47 agentes (30,7%), mas ao compararmos as entrevistas considerando as diferenças entre os valores atribuídos aos perigos por cada entrevistado, podemos observar que, em média, 74% dos perigos foram classificados com até um ponto de diferença, indicando poucas divergências realmente significativas. Ao todo os entrevistados indicaram como “desconheço” 27 perigos (17,6%), sendo destes 52% endoparasitas e 18,5% ectoparasitas. Conforme os resultados parciais obtidos, foi possível concluir que poucos agentes infecciosos foram classificados com importância alta para a suinocultura brasileira pelos especialistas, sugerindo que a criação de programas de biosseguridade específicos e mais eficientes voltados aos principais patógenos é uma conduta viável e necessária.